

MEU PAI
DESENHAVA
NAVIOS

REGINA DAYEH

MEU PAI
DESENHAVA
NAVIOS

Miró
EDITORIAL

Copyright © 2013, 1ª edição.
Regina Dayeh
Copyright © 2013 Miró Editorial Ltda.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção editorial
Miró Editorial

Editor
Márcia Lígia Guidin

Capa e projeto gráfico
Alberto Mateus

Diagramação
Crayon Editorial

Arte da capa
Guilherme Dayeh Rocha

Preparação de texto e revisões
Michelle Neris da Silva
Pedro Baraldi

Impressão e acabamento
Digital Page Gráfica

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
www.miroeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dayeh, Regina
Meu pai desenhava navios / Regina Dayeh. – 1. ed. – São
Paulo : Miró Editorial, 2013.

ISBN 978-85-62381-18-8

1. Poesia brasileira I. Título.

13-03413

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

ISBN 978-85-62381-18-8

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.

Miró
EDITORIAL

Rua Augusta, 2676, cj. 143.
CEP 01412-100 – São Paulo – SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342
Visite nosso site: www.miroeditorial.com.br

PARA DANIEL E GUILHERME

Sumário

Prefácio – Vir ao mundo **9**

PARTE I

Primeiro dia do ano **17**

Os poetas são feios **18**

Livre **20**

Bússola **21**

Carta a Wim Wenders **22**

Fato **23**

Viagem I **24**

Viagem II **26**

Meu pai desenhava navios **28**

Pacífico **30**

Poltrona **31**

Asas quebradas **32**

Depoimento **33**

No deserto **35**

Ausência **37**

Mais quero o silêncio **38**

Escrevo **39**

Gosto dos teus poemas **40**

Ouvindo o poeta **41**

Em algum tempo **42**

Bom dia **43**

Português **44**

PARTE II

Feliz	47
Garoa	49
Quintanices	50
Plenilúnio	52
Rumba	54
Grafitte	55
<i>Princess Square</i>	56
Véspera	58
Antes do presente	60
Estudo sobre a dor	62
Papéis	64
Quatro da manhã	65
Casamento	66
Batom	67
<i>En Passant (la classe de français)</i>	68
Editorial	70
Compreensão do dia	73
Pequena	74
Dedicatória	76
Processo	78

VIR AO MUNDO

DIFERENTE DO QUE em geral imaginamos, a poesia não é uma tentativa de fusão entre o eu e o mundo. É sim uma maneira de ressoar na nossa carne e nas palavras os ecos de um primeiro adeus. De vivermos em nós a marca de uma sensação afirmativa de incompletude, porque sempre aberta e sempre em constante movimento. Esse adeus primordial se propaga como aquele falcão do belo poema de Yeats que, em espirais cada vez mais vastas, não escuta o falcoeiro. O poeta é aquele que ausculta esses rumores perdidos. Vozes vindas de longe, submersas nas pátnas do tempo ou ainda em plena floração, inacessíveis aos sentidos. Ecos de um passado quase de todo esquecido. Murmúrios de um futuro que ainda sequer se anunciou.

A poesia de Regina Dayeh caminha pelos meandros desses ecos do passado, trazidos à luz pelo frescor da palavra presente. Ela se mantém na oscilação entre os desertos e os oásis do tempo. Nômade. Tuareg. Como os povos do deserto, os poetas foram “abandonados pelos deuses”. Entretanto esse abandono não é carência, mas força. O abandono é uma forma de salvação: sentir a falta como falta e o eclipse dos deuses como eclipse é uma maneira de resgatar a palavra da clausura transeunte das coisas insensíveis. Por isso também a recorrência do tema do silêncio em diversos poemas deste volume. Silêncio dos deuses. Deserto. Passagens.

Tensionada entre os dois tempos incomensuráveis da poesia, um passado originário e o futuro intangível,

Regina se concentra no mistério do vir a ser. Não elege planos de salvação, futuros improváveis, rotas e mapas para o amanhã. Não se pergunta se é possível acessar o futuro às quatro da manhã (Quatro da Manhã). Mas lança, sim, as perguntas fundamentais. Como viemos ao mundo? Como viemos a ser o que somos? O passado continua reverberando em nós, entretecido à nossa substância. E se isso ocorre, é porque na verdade “antes do presente havia o privilégio da dúvida” (Antes do Presente) e “são leves as coisas que eu não entendo” (Compreensão do Dia). Se hoje temos a consciência clara do que somos é porque abandonamos a hesitação vital que nos transformou no que eventualmente poderíamos vir a ser. Eis o cerne do enigma das origens.

Assim, em sua definição, o poeta é aquele que vive “no vão das ausências da carne” (Os Poetas são Feios). A presença nunca é completa. Felizmente não há inteireza possível. E é justamente por ser incompleta, feita de espaços abertos para o outro, a carne não é apenas triste, como queria Mallarmé. Ela é um espaço de acolhimento para a memória. Para que outros nos habitem, como os anjos (Carta a Win Wenders):

*Estarás agora
além do meu corpo?*

E quando há esquecimento, há planos de se ocupar os espaços de ressonâncias deixados em aberto:

*e faço planos
para ocupar os espaços
abertos pelo esquecimento*

Uma cisão primordial nos marcou. Porém, paradoxalmente, ela é a força ancestral que impulsiona a dinâmica aberta da vida. Se no poema “Bússola” temos as coordenadas que nos guiam em meio a “cidades invisíveis”, no mesmo poema rumamos em direção às nossas moradas. E a bússola é uma sinalização poética. Não demarca para onde vamos, mas de onde viemos em meio aos nomes daqueles que se foram:

*busca o nome dos mortos
ocultos
no horizonte de bruma.*

A poesia de Regina trata esses temas sublimes com a tranquilidade de quem espreita a vida por gelosias de um casarão de esquina (Em Algum Tempo). É uma poesia marcadamente confessional, no bom sentido da palavra. Ou seja: tece os poemas a partir dos menores acontecimentos cotidianos e testemunha em versos a própria existência corriqueira de coisas e pessoas. Retalha o nosso anonimato disperso na nomenclatura fugaz de documentos de uma gaveta (Papéis). E logo estamos diante do poema gingado Rumba, em um misto de fotografia de época e olhar afetivo. Poesia das coisas pequenas, mas nunca triviais.

Acima de tudo, a poesia de Regina abre um diálogo fecundo com o passado, pois não o postula como perfeito, finalizado. Ele ressoa e continuará ressoando em nós. A poesia é o modo pelo qual o captamos na linguagem. Esse movimento é muito singular no poema que dá título ao livro: Meu Pai Desenhava Navios. Nele temos uma descrição da imagem paterna como um misto de ser aquático terrestre:

*Meio água meio terra
meio peixe meio humano
na concha que encosto ao meu ouvido
escuto sua voz
pausada*

Como a concha que guarda vozes, esse poema-título do livro ecoa de maneira quase direta em um dos poemas finais, curiosamente intitulado Dedicatória. A continuidade elementar de nossas células engendra outros seres vivos. E assim nós viemos a ser. Em uma expansão ilimitada, a vida passada reverbera, se propaga e permanece em tudo aquilo que hoje somos. Ainda que Regina não tenha clara consciência disso, o poema-título sintetiza em uma única imagem as suas duas grandes ramificações do tema da origem biológica: a ontogênese e a filogênese. Nossa origem remota enquanto espécie e a nossa origem imediata: a paternidade.

O rosto do pai emerge aqui como a fascinação de proximidade de uma cadeia infinita de engendramentos amorosos de vida. Se viemos do mar, na gigante odisséia da espécie, desde os unicelulares até a nossa forma humana atual, não é menos épico pensarmos que esse mar tem um rosto. E que este rosto é o rosto de um pai que desenha navios, singrando o dorso das águas, em idas e vindas pelas espirais da memória.

RODRIGO PETRONIO





PARTE I

“... na concha que encosto ao meu ouvido...”

Primeiro dia do ano

Primeiro dia do ano
de que ano
pouco importa.

Na soleira
a garrafa vazia
o olhar parado
no esquadro da porta,

à espera
da claridade tímida da madrugada
do primeiro dia do ano.

O corpo é o mesmo
e a cama repousa no aguardo do sono diurno
embalado no silêncio das ruas sem gente
do primeiro dia do ano.

Abrir os olhos
e ver o amanhecer fresco e inocente
no primeiro dia do ano
é respirar a esperança
evaporada
do ano que se foi
novamente.

Os poetas são feios

Os poetas são feios.

Suas feições são marcadas
suas mãos nervosas
seus olhos egoístas.

Os poetas são estranhos.

Cabelos lavados de luar
pescoços tesos
vacilam no andar
atormentado
das palavras
que ressoam
repetidas
no vão das ausências da carne.

Prosseguem no seu caminho.

Indiferentes
ao tempo que esmaga os sonhos
se despem
sem pudor
diante das metáforas.

E então sentam-se na grama
sozinhos

a comer pipocas
distráidos
da miséria angustiante de existir.

Por isso, são belos os poetas.

Salvos de si mesmos
são eles.

Livre

Há uma nuvem entrevada
que aguarda
no topo da montanha
um vento brisa
um sopro
 o movimento
 livre
sem vírgulas
sem adjetivos
da palavra
substantiva
essencial
para se precipitar
 em
 poesia.